

## Os aleijões da *syphilis*: corpos sífilíticos e propagandas de medicamento em Salvador-BA, no ano de 1920<sup>1</sup>

Ricardo dos Santos Batista<sup>2</sup>

### Resumo

Este texto tem como objetivo fazer uma análise sobre como a propaganda de remédios para a sífilis contribuíram para a construção de representações sociais da doença. A partir da utilização de propagandas do jornal soteropolitano *Diário de Notícias* e teses da Faculdade de Medicina da Bahia, busca-se discutir também a relação da propaganda de medicamentos com a medicina, e suas implicações frente aos corpos. A análise das imagens presentes nos anúncios revela que os corpos escolhidos para as propagandas eram sempre marcados pelas afecções cutâneas da sífilis, e contribuíam para a difusão da ideia de sífilítico como ser desviante.

1 Este artigo é fruto de reflexões que comecei a desenvolver sobre as implicações sociais da sífilis, na disciplina Antropologia do Corpo, cursada no Instituto de Saúde Coletiva da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Auxiliou a compor o trabalho de doutorado intitulado *Como se saneia a Bahia: a sífilis e um projeto político-sanitário nacional em tempos de federalismo*, defendido em 2015, com o financiamento do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

2 Pós-doutorando pelo Programa de Pós-graduação em História da Saúde e das Ciências (PPGHCS).

Ao longo da primeira metade do século XX, é possível observar a presença da propaganda de medicamentos em periódicos de Salvador e de cidades diversas do Brasil. Essa propaganda se desenvolveu no país, especialmente ao longo da década de 1920, junto ao melhoramento das técnicas de produção publicitária. A partir do ideal de modernidade difundido pelas elites,<sup>3</sup> que almejavam o remodelamento do espaço urbano e uma população “sã”, os medicamentos passaram a ser tratados como uma fortaleza contra as fraquezas e vulnerabilidades do corpo, um estímulo para a iniciativa e uma caução para o sucesso.<sup>4</sup>

Existe uma relação intrínseca entre a publicidade e a vida das pessoas. Ao se impor em momentos históricos, a propaganda modificou estilos de vida e comportamentos, ao mesmo tempo em que foi elaborada a partir de hábitos e costumes da população. Isso pode ser observado, por exemplo, nas imagens de crianças veiculadas pela imprensa do Brasil, entre 1930 e 1950, relacionadas às discussões sobre infância em diferentes espaços dos governos e da sociedade civil.<sup>5</sup> De forma geral, as propagandas direcionavam-se para questões de saúde, alimentação, vestimenta e beleza, entre outros itens, e propunham a incorporação do universo do consumo. Olga Brites cita como exemplo desse projeto anúncios da revista *O cruzeiro*, que atingia as frações de renda mais baixas das camadas médias da população.<sup>6</sup>

No intuito de despertar a atenção dos leitores dos jornais e, conseqüentemente, expandir a venda de mercadorias através da publicidade, tornou-se comum a utilização de recursos gráficos como os desenhos e as fotografias. Esses recursos figuravam principalmente em propagandas relacionadas à saúde, e se propunham a resolver problemas uterinos, garantiam o crescimento saudável das crianças e alertavam para as implicações das doenças na vida das pessoas. A partir desse panorama, o objetivo deste texto é analisar como as imagens relativas aos corpos sifilíticos em Salvador contribuíam para a construção de representações sociais,<sup>7</sup> a partir de propagandas de medicamento para a doença, presentes no periódico soteropolitano *Diário de Notícias*, na década de 1920. O período de investigado se restringe a essa década, devido à relevância das imagens encontradas para a análise sobre o corpo.

3 “Elites” é utilizado aqui para se referir às camadas economicamente favorecidas/dominantes.

4 BRASIL. *Vendendo Saúde: história da propaganda de medicamentos no Brasil*. Brasília: Agência de Vigilância Sanitária, 2008. p. 60.

5 BRITES, Olga. Infância, higiene e saúde na propaganda (usos e abusos nos anos de 1930). *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 20, n. 39, 2000. p. 250, 252.

6 BRITES, 2000. p. 251

7 Neste artigo, será utilizada a concepção de representação desenvolvida por Roberto James Silva, em relação a fotografias e doenças, em diálogo com Denise Jodelet, e que será explicitada logo abaixo. Cf. SILVA, James Roberto. *Doença, fotografia e representação: revistas médicas em São Paulo e Paris, 1869-1925*. São Paulo: Editora da Universidade São Paulo, 2009; JODELET, Denise. Les représentations sociales. In: MOSCOVICI, Serge. *Psychologie sociale*. Paris, PUF, 1984. In: SILVA, 2009.

## 2 A propaganda de medicamentos e a sífilis

As reflexões sobre o corpo doente ganharam impulso com a publicação do texto de Jacques Le Goff e Jean Pierre Peter em coletânea intitulada *História: novos objetos*.<sup>8</sup> Nesse trabalho, os autores analisaram as possibilidades de construção de uma história do corpo através de uma perspectiva biologizante, de uma perspectiva social ou de uma perspectiva diversa, que mescla elementos das duas primeiras. Mas, acima de tudo, reivindicaram um *status* de visibilidade para o corpo doente, que por muito tempo foi ofuscado em análises que diziam dele tratar, mas priorizavam outros aspectos da vida humana, quando não o negavam, de forma contraditória:

Quer-se, no momento, levar a sério uma de suas operações, aquela que concerne à doença. A contagem, nem a restituição dos fatos mórbidos no tempo, não é suficiente para fazer deste um objeto histórico; não fazem dele nem mesmo um simples objeto, porém o atributo que, no espaço neutro do quadro sociográfico, vem qualificar o homem que tem fome, trabalha e morre, o suporte abstrato de qualidades gerais. Esse procedimento não faz, como se verá, senão redobrar a distância que o silêncio do corpo instaura no coração de toda a experiência da doença na cultura ocidental. Quer-se tentar expor aqui as dificuldades, o preço e o objetivo de uma história da doença que não seja história de outra coisa, ou que, para melhor dizer, não evite seu objeto.<sup>9</sup>

Uma das possibilidades de análise do corpo, de acordo com a concepção proposta acima, pode ser desenvolvida a partir de fontes publicitárias. No início do século XX, a propaganda de medicamentos desempenhou um papel de destaque nas tentativas de combate a doenças como a gripe espanhola, que assolou muitos estados brasileiros entre 1918 e 1919. Entre as muitas substâncias utilizadas para combater a doença, divulgadas em jornais, destaca-se o sal de quinino, que foi amplamente utilizado no trato da malária na Europa do século XVII, e que, no Brasil, alcançou importância desde o período colonial, com o intuito de curar as febres que grassavam pelo território nacional.<sup>10</sup> O Serviço Sanitário do estado de São Paulo recomendou o medicamento como preventivo e tratamento contra a epidemia de *influenza*, o que aumentou exacerbadamente o seu preço na mesma proporção em que se multiplicava o número de enfermos.<sup>11</sup> O quinino também esteve escasso na Bahia, ao longo da epidemia de *influenza*. Mas, os médicos baianos, que também recomendavam a substância, faziam questão de enfatizar que não existia um tratamento específico para a gripe. Sendo assim, Christiane Souza afirma que, diante da incerteza de uma ação direta do medicamento sobre a gripe, não se pode afirmar que os fabricantes se beneficiavam explorando a credulidade dos doentes, mas é

8 LE GOFF, Jaques; PETER, Jean-Pierre. O corpo. In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. *História: novos objetos*. Tradução de Terezinha Marinho. Rio de Janeiro: F. Alves, 1976.

9 LE GOFF; PETER, 1976, p. 142.

10 BERTUCCI, Liane Maria. Remédios, charlatanices... e curandeirices. In: CHALHOUB, Sidney et al (orgs.). *Artes e ofícios de curar no Brasil*. Campinas: Editora UNICAMP, 2003.p.199.

11 Idem, p. 200.

inegável que a indústria farmacêutica se aproveitou da crise epidêmica para vender seus produtos.<sup>12</sup>

Embora, até a década de 1940, o mercúrio tenha sido um dos elementos mais utilizados para o tratamento da sífilis, a descoberta da bactéria causadora da doença contribuiu para que o mineral deixasse de ser usado com a finalidade de expulsar do corpo um “veneno sífilítico”, que se acreditava existir nos contaminados. Antes, a diarreia, a salivação e a sudorese, reações ao mercúrio, eram consideradas como positivas nesse processo de “limpeza interior”,<sup>13</sup> mas com o desenvolvimento da bacteriologia, o foco passou, então, para o *treponema pallidum*.<sup>14</sup> Com o intuito de atingir o agente causador da doença, os médicos alemães Ehrlich e Hirata desenvolveram um medicamento específico, formado por um arsênico altamente tóxico, apresentado em 1909 à comunidade mundial como Salvarsan ou 606.<sup>15</sup> Esse medicamento passou a figurar nas páginas dos jornais soteropolitanos e, posteriormente, foi substituído por uma versão menos tóxica denominada 914 ou Neo-salvarsan, quando do refinamento das técnicas de fabricação. Além de Salvador, muitas cidades do interior da Bahia, a exemplo de Jacobina, possuíam nas páginas de seus periódicos propagandas de medicamentos depurativos do sangue, como o Elixir 914, um dos principais para o combate à sífilis do período.<sup>16</sup>

Remédios como o Antigal, Elixir Infalível, Treparsol, Licor de João Paes, Elixir de Nogueira e tantos outros preparados antissifilíticos foram recorrentes nas páginas do jornal *Diário de Notícias*, ao longo da primeira metade do século XX. A maior parte deles utilizava desenhos e fotografias para ilustrar ideias e contribuir para a construção ou reforço de estereótipos sociais de doentes e doenças. Sobre o uso de imagens na medicina, inicialmente, as fotografias médicas eram registradas por médicos em suas clínicas particulares, hospitais ou serviço público, e na Santa Casa de Misericórdia. Essas fotos retratavam corpos doentes e estavam presentes, sobretudo, em revistas especializadas, mediante as quais os clínicos tornavam públicas as suas observações.<sup>17</sup> O interesse pelos corpos marcados pela enfermidade também ganhou as páginas dos jornais. As fotografias, assim como os desenhos, estiveram presentes em campanhas publicitárias de medicamentos para a sífilis. Transmitiam significados específicos sobre a doença venérea e incentivavam o consumo das substâncias.

Segundo Silva, tratar da representação de doenças, a partir de imagens, implica adentrar no terreno do corpo doente e abordar práticas científicas e sociais desenvolvidas na tentativa de conhecê-lo e dominá-lo, como as desempenhadas pelas

12 SOUZA, Christiane Maria Cruz de. *A gripe espanhola na Bahia: saúde, política e medicina em tempos de epidemia*. Rio de Janeiro/Salvador: FIOCRUZ/EDUFBA, 2009. p. 245-246.

13 CARRARA, Sérgio. *Tributo a Vênus: a luta contra a sífilis no Brasil, da passagem do século aos anos 40*. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 1996. p. 33.

14 Bactéria em formato de espiroqueta, causadora da sífilis.

15 Idem, p. 34

16 BATISTA, Ricardo dos Santos. *Lues venerea* entre práticas e representações: Saúde Pública, Doença e Comportamento Social nas Serras Jacobinenses. In: CHAVES, Cleide de Lima. *História da saúde no interior da Bahia: séculos XIX e XX*. Vitória da Conquista. Edições UESB, 2013.

17 SILVA, James Roberto, 2009, p. 27.

pessoas e instituições responsáveis pelo seu controle e estudo, ou seja, médicos, hospitais e serviços de saúde pública.<sup>18</sup> No caso aqui analisado, a ênfase está na propaganda, que integra os discursos racionalizadores do contexto e das atividades sobre a sífilis, e concorrem para a formulação de um campo de significados em seu entorno. Tal campo diz respeito à doença e ao doente, às práticas curativas e às pesquisas médicas, ao preconceito dirigido aos hábitos e à procedência social. Ele designa os limites subjetivos em que se cruzam práticas, ideias e crenças de toda ordem, e constitui o meio no qual são formuladas as representações sociais.<sup>19</sup> E assim, como esse campo de significados está susceptível de deixar vazá-los para fora de seus limites, atingindo o imaginário de toda a sociedade, ele também está sujeito a infiltrações. Uma análise das imagens indica quais significados são passíveis de observação, através das propagandas de medicamento para a sífilis na Bahia, o que as imagens sobre corpos sífilíticos são capazes de revelar sobre aquele universo, e qual a relação entre a medicina e as imagens dos corpos sífilíticos.

### 3 Corpos sífilíticos e deformidade

No ano de 1920, o jornal *Diário de Notícias* trouxe uma propaganda do medicamento Antigal, com a seguinte chamada: “Os aleijões da syphilis: o maior flagelo humano – deforma, cega, aleija, enlouquece, mata”.<sup>20</sup> Esse título é representativo para a análise dos sentimentos que a propaganda objetivava despertar entre leitores do periódico, especificamente o medo. A imagem da sífilis foi construída socialmente e definida como o grande mal da humanidade porque, em finais do século XIX, o seu caráter hereditário passou a ser alvo de atenção médica.<sup>21</sup> Nesse período, a substância que possibilitava a cura da sífilis ainda não era produzida em grande escala. Segundo Roy Porter, no desencadear da Segunda Guerra Mundial a penicilina ainda estava latente nos laboratórios e continuou racionada por muitos anos: “antes do advento desta ‘arma mortal mágica’ antibiótica, a pneumonia, a meningite e as infecções similares [como a sífilis] eram frequentemente fatais”.<sup>22</sup>

Sendo assim, as marcas deixadas pela doença estavam relacionadas à deformidade do corpo. Um corpo sífilítico não correspondia às expectativas determinadas pelos projetos de “modernidade” e ao “desejo da nação”, que se inseriu no Brasil desde fins do século XIX, em um cenário marcado internacionalmente por discursos sobre “flagelos sociais” como a sífilis, a tuberculose e o alcoolismo, em um ideal branco, masculino e heterossexual, que tinha como eixo de problematização das

18 SILVA, 2009, p. 37.

19 SILVA, 2009, p. 37

20 *Diário de Notícias*, 21 de julho de 1920.

21 Para mais informações, cf. CARRARA, 1996.

22 PORTER, Roy. *Cambridge: História da Medicina*. Rio de Janeiro: Revinter, 2006. p. 2.

diferenças de raça, sexualidade e de gênero.<sup>23</sup> Os corpos da modernidade deveriam ser corpos sadios.<sup>24</sup>

Sobre as imagens que compunham a propaganda do Antigo, variavam entre a representação de corpos marcados pela primeira e segunda fase da sífilis<sup>26</sup> e desenhos de crianças deformadas, intituladas como “monstros”. As roséolas sifilíticas, presentes em muitas imagens, são manchas vermelhas que se espalham pelo corpo, caracterizam a sífilis secundária e foram retratadas na Figura 1. Nela, um homem exibia seu rosto marcado, como forma de identificação e exposição pública dos portadores da doença. As marcas na pele funcionaram como estigmas sociais que contribuíram para um processo de exclusão social dos sifilíticos, e que se manifestava em outras doenças como a lepra.

Figura 1 - Roséolas sifilíticas



Fonte: *Diário de Notícias*, 21 de julho de 1920.

- 23 MISKOLCI, Richard. *O desejo da nação: masculinidade e branquitude no Brasil de fins do XIX*. São Paulo: Annablume, 2012. p. 49-50.
- 24 Para mais informações sobre as ideias de modernidade e civilização na Salvador da primeira metade do século XX, cf. FERREIRA FILHO, Alberto Heráclito. *Quem pariu e bateu que balance: Mundos femininos, maternidade e pobreza em Salvador (1890-1940)*. Salvador: CEB, 2003; LEITE, Rinaldo César Nascimento. *E a Bahia civiliza-se: Ideias de civilização e cenas de anticivilidade em um contexto de modernização urbana (Salvador, 1912-1916)*. Dissertação de Mestrado. Salvador: UFBA, 1996.
- 25 Sabe-se que eram veiculadas na propaganda do medicamento, num contexto em que os laboratórios divulgavam seus medicamentos nos jornais, mas não é possível identificar informações mais específicas sobre suas condições de produção.
- 26 A sífilis é uma doença de ciclo biológico longo e que se apropria de diversas partes do corpo. Ao mesmo tempo em que alguns sintomas aparecem, outros somem. O processo de desenvolvimento da doença compõe-se de três fases, intercaladas por intervalos assintomáticos, e de tempo variável em cada organismo. A primeira delas é caracterizada pelo cancro, que pode aparecer na região genital, entre as pernas, língua, lábios, ânus ou outras partes do corpo. Depois de alguns meses, inicia-se a segunda fase, em que podem aparecer erupções na pele, feridas e úlceras nas amígdalas, boca e órgãos genitais, chamadas roséolas sifilíticas. Após meses, ou até anos, surge a fase terciária, que afeta órgãos vitais como o cérebro, o pulmão, o coração, o fígado e os rins.

Em análise sobre a aids, Anne Marie Moulin afirmou que “desde a lepra e a sífilis, conhecidas por suas desfigurações, nenhuma enfermidade havia atingido o corpo de forma tão pública”.<sup>27</sup> Essa afirmação ressalta o impacto da relação entre a sífilis e o seu reconhecimento social, com uma doença que, desde os anos 1980, é marcada pelo estigma. Nesse sentido, o anúncio do Licor João Paes, no *Diário de Notícias* de 4 de julho de 1927 (Figura 2), fazia alusão ao suicídio, como medida que deveria ser evitada através do consumo do medicamento, para aqueles que haviam se tornado portadores da doença e sentiam-se envergonhados e que não suportavam a exposição pública do estar doente. A propaganda ilustrava um rapaz que teria posto fim à sua própria vida, “como forma de aliviar as torturas que aquele mal lhe trazia”.

Figura 2 - Licor João Paes



Fonte: *Diário de Notícias*, 4 de julho de 1927.

Na Figura 3, a face de um homem é representada com uma boca ferida, causada pelo cancro. Seus olhos estão vendados, o que pode representar significados diversos: a venda pode ser indício de cegueira – também causada pela sífilis, uma alegoria para expressar metaforicamente o erro do homem em contrair uma doença tão repugnada naquele momento, ou o pertencimento do fotografado às elites. Pacientes pobres estavam mais suscetíveis ao poder de reprodução das imagens, que pertencia naquele momento aos médicos. As marcas da doença sobre o corpo e a visibilidade da contaminação traziam reflexos, mesmo que esse processo não fosse assimilado de forma homogênea entre integrantes de classes sociais diferentes, que poderiam dar maior ou menor atenção à evidência da contaminação. Mas a atenção à representação do corpo sífilítico nos jornais pode ser significativa para refletir como grande parte da população encarava a contaminação.

Ao lado do homem vendado é possível observar uma criança com sífilis ocular e com o nariz também desfigurado: mais um corpo marcado. Uma tendência das

27 MOULIN, Anne Marie. O corpo diante da medicina. In: CORBIN, Alain et al. *História do Corpo: as mutações do olhar - o século XX*. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 16.

fotografias registradas por médicos, que também pode ser destacada nessa propaganda, é a escolha dos sujeitos retratados – portadores de doenças específicas. Silva afirma que, em fins do século XIX e início do século XX, os médicos demonstravam notável preferência pelas moléstias de visibilidade explícita, que deixavam sequelas, que imobilizavam ou que deformavam, como as doenças musculares, a leishmaniose e as febres eruptivas.<sup>28</sup>

Figura 3 – Cancro no nariz e sífilis ocular



Fonte: *Diário de Notícias*, 21 de julho de 1920.

#### 4 Corpos deformados, “sujeitos deformados”?

Segundo Jorge Prata de Souza, dentre os cinco capítulos do livro bíblico *Levítico*, o terceiro, denominado “Puro e o impuro”, oferece a ideia de doença como um mal a ser evitado, um símbolo de impureza adquirido como resultado de conduta irregular, cujas consequências contaminariam os laços da aliança de Javé pelo contágio de seu próprio povo.<sup>29</sup> O autor aponta a enfermidade, no referido livro, como resultado do desregramento de valores morais e/ou espirituais, cabendo o castigo divino, seguido de um sentimento de terror, medo ou pânico e, por fim, a exclusão do doente. Esse raciocínio é perfeitamente observável em doenças como a sífilis e a lepra que, por atingirem explicitamente o corpo, incorporaram tais concepções. O texto bíblico nega ao enfermo seus vínculos espirituais e sociais como possuidor de

28 SILVA, 2009, p. 45.

29 SOUSA, Jorge Prata de. A cólera, a tuberculose e a varíola: as doenças e seus corpos. In: DEL PRIORE, Mary Del; AMANTINO, Marcia (Orgs.). *História do corpo no Brasil*. São Paulo: Editora Edunesp, 2011.p. 223.

um corpo insano e, no decorrer da história das doenças, pode-se constatar que o procedimento é similar com aquelas que se apresentam como de caráter epidêmico.<sup>30</sup>

Outras referências também apontam para o caráter moral da sífilis. Por muito tempo, ela foi chamada de *Lues Venerea*. O termo “lues” é derivado do latim e significa praga ou epidemia. A doença era considerada como uma praga sexual, visto que, quando o seu motivo causador ainda não era conhecido, os sintomas mais observados eram as manifestações nos órgãos genitais.<sup>31</sup> Somente em 1530, o médico, astrônomo e literato Jeronimo Fracastoro deu-lhe um nome que se tornou aceito por todos: sífilis.<sup>32</sup> O poema escrito por Fracastoro conta a história de um pastor chamado Siphilus, que foi castigado pelo deus Apolo por idolatria a um ser humano, e que teria, portanto, sido a primeira vítima do mal que se disseminaria pelo mundo posteriormente.

A dispor de uma genealogia do preconceito social com os doentes, sabe-se que as teses de doutoramento da Faculdade de Medicina contribuía para a construção da imagem dos sifilíticos como seres desviantes. Elas promoviam os ideais de eugenia, melhoramento da raça e do medo que uma geração de sifilíticos degenerasse a população mundial, que viria a se extinguir.<sup>33</sup> Para Carrara, a característica hereditária foi a que mais singularizou a sífilis de todas as outras doenças que preocupavam as autoridades sanitárias em finais do século XIX e início do século XX, por ter se tornado, enquanto doença do grupo de consaguíneos, da família, da estirpe, da raça ou da espécie, um capítulo fundamental da reflexão sobre hereditariedade.<sup>34</sup> Segundo o médico José Cesário da Rocha, “a sífilis era uma doença vergonhosa, imoral, produto do deboche, e da devassidão, a punição de um crime indigno. Uma doença que condenava sempre, não perdoava nunca”.<sup>35</sup> Sendo assim, a medicina também contribuía para a construção da *lues* como um mal que segregava pessoas. Agia junto a fotografias publicitárias de indivíduos portadores de deformações ou de outros traços que os destacasse dos padrões vigentes: enquadravam anões, paraplégicos. Os “deformados” eram escolhidos como alvo do registro visual e utilizados como ferramenta para tentar cercear os comportamentos e práticas sexuais de homens e mulheres.

30 SOUSA, 2011, p. 224.

31 BATISTA, 2013, p. 124.

32 AMARAL, Afranio do. “*Siphilis*”: molestia e têrmo através da história. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, Ministério da Educação e Cultura, 1966.

33 ARAÚJO FILHO, Gothardo Correia. *Da prophylaxia da syphilis*. Tese de Doutoramento - Faculdade de Medicina da Bahia, Salvador, 1917; BORGES, Francisco Xavier. *Prophylaxia da Tuberculose, Sífilis e do Alcoolismo*. Tese de Doutoramento - Faculdade de Medicina da Bahia, Salvador, 1907 BRANDÃO, Raul Mendes de Castilho. *Breves considerações sobre educação sexual*. Tese de Doutoramento - Faculdade de Medicina da Bahia, Salvador, 1910; LEAL, Guttemberg José. *A decadência da Humanidade*. Tese de Doutoramento - Faculdade de Medicina da Bahia, Salvador, 1926; SILVA, Augusto Lins e. *Perigo Social da Sífilis*. Tese de Doutoramento - Faculdade de Medicina da Bahia, Salvador, 1906; SOUZA, João Prudêncio de. *Syphilis e Eugenia*. Tese de Doutoramento - Faculdade de Medicina da Bahia, 1923. TAVEIROS, Edgar de Alcântara. *O delicto de contágio venéreo*. Tese de Doutoramento - Faculdade de Medicina da Bahia, Salvador, 1930.

34 CARRARA, 1996, p. 49.

35 ROCHA, José Cesario. *Syphilis e Casamento*. Tese de Doutoramento - Faculdade de Medicina da Bahia, Salvador, 1906, p. 6.

Quando da elaboração de desenhos, observam-se produções gráficas tecnicamente simples, mas que representavam situações muito mais graves e, inclusive, impossíveis materialmente de se ocorrer, ao adquirir a doença (Figura 4). “Monstros” de duas ou três cabeças, de duas caras, gêmeos xipófagos compunham um quadro elaborado a partir da ideia de degeneração, e que contribuía para retroalimentar a ideia da necessidade eugênica, da considerada melhoria da raça, na qual não havia espaço para a sífilis.

Figura 4 - Monstro de duas cabeças e monstro de duas caras



Fonte: *Diário de Notícias*, 21 de julho de 1920.

## 5 Considerações finais

As representações sobre a sífilis eram fortalecidas não só pelas ideias das teses médicas, mas por uma luta cotidiana dos médicos nos postos de saúde soteropolitanos<sup>36</sup> e do interior para controlar a doença, que era vivenciada pela população, em seus corpos. A partir da criação do Departamento Nacional de Saúde, em 1920, e, especialmente, com a Era Vargas, depreenderam-se esforços para a construção de um aparato sanitário em que o poder público interviesse com poder mais amplo.<sup>37</sup> Através da centralização das atividades sanitárias, buscou-se padronizar o atendimento e garantir possibilidades reais de acompanhamento de doenças presentes nos sertões brasileiros, como a sífilis. Esse processo desencadeou também ações sociais que envolveram tentativas de controle da prostituição, considerada principal

36 Cf. BATISTA, Ricardo dos Santos. (Re) organizar para curar. In: BATISTA, Ricardo (org.) *Saberes curativos: estudo sobre práticas institucionais, curandeirismos e benzeções na Bahia*. Saarbrücken: Novas Edições Acadêmicas, 2014.

37 Para mais informações, cf. CARRARA, 1996; HOCHMAN, Gilberto. Reformas, instituições e políticas de saúde no Brasil (1930-1945). *Educar*, n. 25, Curitiba: Editora UFPR, 2005. p. 127-141; HOCHMAN, Gilberto O.; FONSECA, Cristina M. O. O que há de novo? Políticas de saúde Pública e previdência, 1937-1945. In: PANDOLFI, Dulce. *Repensando o Estado Novo*. Rio de Janeiro: FGV, 1999.

disseminadora da doença, mas que foram vencidas por um modelo que privilegiava a educação sanitária.<sup>38</sup>

A partir dos breves elementos expostos, busca-se problematizar como os corpos sífilíticos, marcados pelas características fisiológicas que sobre eles atuavam, eram alvo da medicina e da propaganda. E como a propaganda se esforçava por convencer a população de que conseguiria curar os males físicos, mas também os “males morais” de pessoas consideradas com personalidade desviante. O desvio do comportamento “padrão” era considerado um castigo, e o corpo era, para os médicos daquele período, um objeto passivo frente às suas tentativas de cura.

Desenvolver reflexões que tenham ênfase nos corpos, no entanto, como propõem Le Goff e Peter, é perceber “corpos que falam” e “o que eles falam”. Os corpos marcados por roséolas sífilíticas, registrados em fotografias e divulgadas pelos médicos e pelos jornais, podem ser reavaliados sob os olhos do historiador, e considerados como a produção de uma sociedade baseada em mecanismos de moralidade, que propagavam o preconceito. Os significados dos corpos sífilíticos não são apenas aqueles que em determinado momento histórico – em que a propaganda e a medicina adquiriam poder – atribuíram a ele, mas as releituras que se pode fazer hoje sobre que outras mensagens eles poderiam transmitir. Segundo Marc Bloch, o presente bem referenciado e definido dá início ao processo fundamental do ofício de historiador: compreender o presente pelo passado e, correlativamente, compreender o passado pelo presente.<sup>39</sup> Assim, é preciso continuar a lançar outros olhares sobre os corpos doentes, sobre corpos sífilíticos de ontem.

38 Para mais informações sobre o modelo específico de combate à sífilis no Brasil, cf. CARRARA, 1996. Cap. 4.

39 BLOCH, Marc. *Apologia da História ou o ofício do Historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001. p. 25.